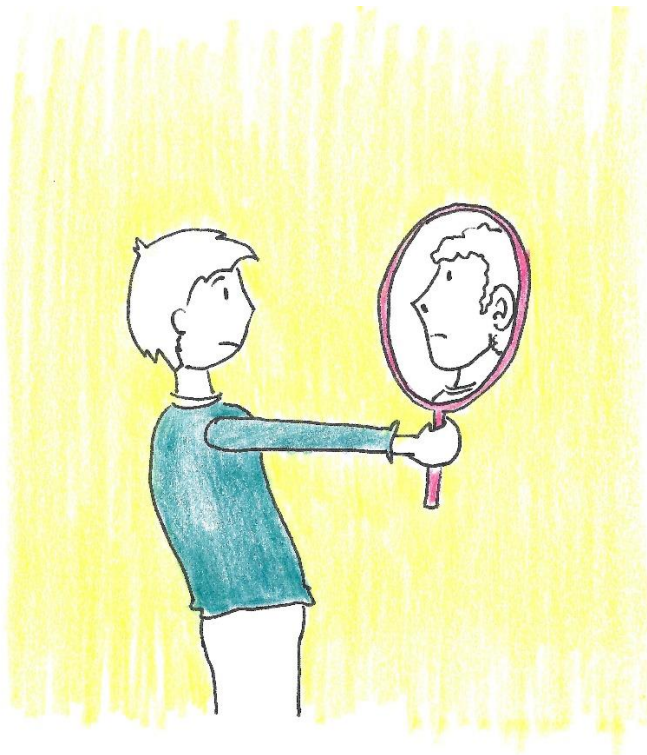


Identidade



**Em A Opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:
Identidade**

Original: educacion.press/2017/12/06/terminos-y-mentalidades-identidad/

Quem sou eu? O que mais me identifica? O que é o mais autêntico de mim? Alguns respondem isso a partir dos sentimentos, pois pensam que é isso o que nos singulariza em relação às demais pessoas. Nesse caso, os sentimentos, os próprios, nos distinguiriam não de uma forma superficial, mas profunda e verdadeira, e assim surge a chamada 'autenticidade'.

Dizer: “Isso me tocou!”, quando você bate no peito, parece ser um indicador de que alcançou o centro de si mesmo. Até esse ponto, se consideram os sentimentos como o mais autêntico de si; o fato de que um sentimento seja a origem de nossa conduta se considera como o mais

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*



verdadeiro e, desde que não prejudique ninguém, é uma justificativa ética suficiente e não pode contradizer-se. O sentimento se converte na norma da atuação: “Ah, se você sente assim!”

Ou quando um casal termina porque: “Acabou o amor!” Parece uma justificativa suficiente, já que não se pode trair seus sentimentos e seguir convivendo com a pessoa por quem não sente mais nada. Fazer isso, seria uma incongruência consigo mesmo, você estaria traindo a si mesmo. Especialmente se aparecer outra pessoa com quem, sim, você sinta algo.

Se isso é assim, meus sentimentos acabam sendo minha identidade. Talvez não no nível teórico, mas no nível prático. O problema é que todos nós experimentamos como os sentimentos fluem. Então quem sou eu? Uma pipa movida pelo vento?

Ademais, os sentimentos sempre são uma resposta que vem do passado, porque um sentimento nos fala do que passou, não do que vai acontecer. Viver de sentimentos ou definir nossa identidade a partir dos sentimentos nos levaria a viver do passado, sem nem sequer fazer uma avaliação completa do passado, pois os sentimentos são globais, mas estão ligados a experiências pontuais.

A pergunta pela identidade tem recebido múltiplas respostas. Alguns pensam (Parfit) que nossa identidade são nossas relações e se elas mudam, mudam nossa identidade. Outros (Korsgaard), que nossa identidade é o esforço que fazemos para sobreviver, para defender nossa constituição. Outros (em termos gerais, o idealismo alemão), sustentam que o que se faz permite saber quem somos. Outros (a corrente do transumanismo), que se incomodam em ter que responder, dizem ser o que eles determinam ser. Em um ponto oposto, estão aqueles que dão uma resposta de corte kantiano, pois devemos desejar ser o que deveríamos ser, como se pudesse dar-se uma definição acabada do que é ser humano em função de uns valores e princípios.

Penso que em todas essas opções, a questão da identidade acaba, de fato, descansando nos sentimentos, embora eu não acredite que os autores anteriores a compartilhem; ao contrário, acho que é uma leitura afetiva coberta de razões, já que: A relação interpessoal em Parfit tem a consistência que os sentimentos têm; A autoconstituição proclamada por Korsgaard é um movimento constante de autodefesa daquele que, por medo, se sente ameaçado; O que se centra em suas ações (Descartes e alguns idealistas alemães) vive em um eterno sentimento de insegurança e a necessidade de mostrar seu próprio valor por suas ações; Quem não quer que ninguém lhe diga nada (transumanismo) acaba padecendo (acredita que são ações livres, o que não é mais que um estado emocional) e faz sofrer as pessoas a seu redor; Quem se ajusta ao que deveria ser, Kant, com alguns valores e princípios, parte de uma desconfiança no ser humano e lhes dá medo deixar que as pessoas pensem e elaborem seu próprio caminho e suas próprias formulações de valores: pois a besta interior poderia despertar.



Outro elemento em comum das propostas rejeitadas é que todos enfrentam a pergunta: Quem sou eu? desde o passado ou presente e reduzem o futuro a uma mera indeterminação. Não é estranho que seja assim, pois os sentimentos sempre falam do que já passou. Visto dessa maneira, eles acabam enclausurando a pessoa em uma identidade que acaba sendo sua prisão e não sua possibilidade de crescimento, porque a pessoa também é 'mais' do que sua identidade, já que não é tudo o que se pode ser. Para que a pessoa cresça, precisamos encontrar uma proposta de identidade que deixe a pessoa aberta para o seu futuro.

Qualquer tentativa de responder à identidade que não considera o futuro como algo radicalmente aberto, acaba convertendo a pessoa em uma coisa, pois a coisa pode ser definida pelo seu passado. É dizer, conhecendo seu passado, você conhece o que é. Quando chegamos à vida em geral, o futuro já aparece, mas o faz como uma indeterminação, não como uma possibilidade. Por isso, se de um animal se conhecem quais vão ser as condições de contorno com as que vai se encontrar, pode-se prever sua evolução.

Mas para o ser humano, o futuro é mais que indeterminação. É possibilidade. Bem, o ser humano tem o futuro sem nunca esgotá-lo, porque nesse caso ele deixaria de ser 'mais'. E lembremos que o ser humano é sempre 'mais': mais que suas ações, mais que sua constituição, mais que seus sentimentos, mais que sua história, mais que suas relações. Por esse motivo, a resposta à questão da identidade será sempre uma resposta provisória, pois ainda não vimos tudo o que seremos.

Erikson dizia que a criança não tem identidade, mas identificações, inicialmente com os pais e depois com as situações, atividades ou pessoas pelas quais se sente atraído. Se você perguntar a uma criança pequena: “Quem é você?” Ele responderá da mesma maneira como se você perguntasse: “Agora é dia?” Ele não se pergunta isso, é evidente que é dia, ali está o sol. “É evidente quem eu sou, ali estão meus pais.”

Pouco a pouco, a criança vai conhecendo que o futuro está ao seu alcance e, na adolescência, a consciência está plena. As coisas não são como eu pensava: meus pais não são como eu pensava, o que eu pensava ser certo e errado não é mais claro, meu corpo muda, minha vida muda, meus relacionamentos mudam. Se antes era "A" e agora é "B", então o que é? A, B ou C? E eu: Quem sou eu?

Perry é um psicólogo que estudou como os universitários davam resposta a essa pergunta pela identidade e viu que demoravam muito. Poucos são aqueles que, no final de seus anos de universidade, já possuem uma formulação sã de sua identidade; em contrapartida, alguns não respondiam, outros respondiam precipitadamente e outros respondiam conforme o contexto. Assim, existe uma maneira sã de responder à pergunta sobre a identidade e três patológicas.



Penso que as emoções e a identidade estão intimamente ligadas, mas, não como as propostas anteriores o fizeram. Tal é a ligação entre elas, que eu me atrevera dizer que não há como tratar com o tema da emoção à margem da identidade em nenhum momento. A intervenção educacional do UpToYou (www.uptoyoueducacion.com) consiste em dois grandes passos: ajudar no autoconhecimento e dar passagem para a humanidade trancada em todos os sentimentos. Ambos os momentos são 100% identitários (veja os termos emoção e educação emocional).

O primeiro passo é centrar-se em crescer no autoconhecimento e a realidade emocional é a plataforma ideal para conhecer-se, já que sentimos de acordo com nossa forma de viver. As emoções não são caprichosas e responder à pergunta: por que sinto o que sinto? permite conhecer a complexidade de nossa vida. O segundo passo é a tomada de decisões.

Posto que o mesmo sentimento sugere o que fazer, mas se descobre que a pergunta-chave não é: O que fazer?, mas: Que tipo de pessoa quero ser?

O primeiro passo estaria ajudando a descobrir os aspectos da identidade em relação ao passado e ao presente. O segundo passo estaria ajudando a descobrir a identidade em relação ao futuro, porque, ao tomar decisões, se está decidindo mais que uma mera ação, você está decidindo: Quem você quer ser? (ver termo vontade).

Visto assim, as emoções não são "o autêntico" de alguém, mas são uma boa via para conhecer o mais autêntico de cada um.

Quando na escola ou em casa se tem como objetivo a busca pelo bem-estar e as decisões se tomam a partir da mera experiência emocional, danos graves estão sendo causados à criança e ao jovem em sua identidade.

E esse menino, quando universitário, se encontrará em uma das três respostas patológicas ao tema da identidade, como dizia Perry. Ou, nos termos de Erikson, esse jovem entrará em confusão, não saberá quem é. O bem-estar não pode ser um objetivo educativo (já veremos ao tratar esse termo); Em contrapartida, são muitos programas de educação emocional que anunciam em seu site, como um dos objetivos a serem alcançados. Por outro lado, a tomada de decisões hoje em dia é altamente afetivizada quando a decisão descansa em um mero exercício de vontade.

O psicólogo R. Ryan, de reconhecido prestígio, sustenta que, o que você mesmo decidir, bem decidido está, porque o importante é a autodeterminação. Nesse caso, a referência à vontade própria, sem qualquer outra referência, acaba confundindo a vontade com o próprio capricho. Por isso, alguns para resolver o problema de Ryan apelam para a norma, valores ou princípios como pontos estáveis e objetivos para a tomada de decisões. Quando tratarmos o termo valor



(em breve), veremos que esses pontos estáveis e objetivos não existem. Ao lidar com a tomada de decisão, veremos que há de fato uma realidade objetiva a ser apelada para evitar o subjetivismo de Ryan e, ao mesmo tempo, evitar a rigidez fria e despersonalizante da norma kantiana, essas são relações interpessoais e sua melhora.

Podemos concluir dizendo que muitas propostas abordam, inclusive sem querer, o tema da identidade pessoal, descansando exclusivamente nas emoções. Por outro lado, educar no bem-estar como objetivo e na tomada de decisões favorece que o jovem, em vez de responder à pergunta sobre identidade, caia em confusão. Em contrapartida, crescer no autoconhecimento a partir da realidade emocional e na tomada de decisões para a melhora das relações interpessoais é garantia de uma resposta sã, embora provisória, à pergunta: Quem sou eu?

Assim, pois, quando um pai zangado ou iludido por algo que seu filho fez, define como: “Você é ótimo!” ou outro: “Você é um horror!”, o que ele está fazendo? O que ele provavelmente está fazendo é projetar sobre o seu filho as frustrações ou ilusões que viveu no passado, favorecendo que o filho viva a mesma história que ele viveu. Quando falamos desde nossos sentimentos, prendemos os outros no nosso passado. E ao prender o filho, o próprio pai se prende a viver também de seu próprio passado.

Lamento ter argumentado minha opinião desta forma, espero que não tenha sido muito pesado, mas a questão da identidade é crucial e hoje em dia está sendo dada uma resposta excessivamente emocional.

Mas você, caro leitor, é muito mais do que seus sentimentos. Você tem futuro. Somente através do agradecimento, do perdão e a melhora das relações interpessoais é que descobriremos a maravilha, não de quem somos, senão de quem podemos chegar a ser.